

HELENA CHAGAS



de Brasília

E agora, FH?

Trinta e tantos milhões de votos não é pouco. O tamanho da vitória dá a Fernando Henrique o ansiado passaporte para negociar as medidas contra a crise. Mas também terá seu preço o peso desse apoio. Por mais sem graça que tenha sido, a campanha não foi mero acidente de percurso e 106 milhões de pessoas dela saíram mais conscientes da gravidade da situação. Passaporte não é cheque em branco e o crédito será cobrado.

Vencedores e vencidos, hoje todos começam a acertar suas contas. Luiz Inácio Lula da Silva e Ciro Gomes vão se entender com seus fantasmas. Se venceu por ser, aos olhos do eleitor, o mais habilitado a lidar com a crise financeira, FH passa a fazer isso sem meias palavras. Pode tomar as decisões até agora sugeridas mas não concretizadas.

Por isso, as comemorações na área governista serão comedidas. O presidente deve visitar hoje a Torre de Babel — aquele espaçoso comitê no setor comercial norte que acabou símbolo de tricas e futricas internas — e agradecer o empenho de todos os que trabalharam na campanha mais chocha dos últimos tempos.

O roteiro de FH prevê que, depois das comemorações de hoje e amanhã e da viagem de descanso do fim de semana, o presidente reeleito irá entrar firme na negociação com FMI, G-7 e demais instituições internacionais interessadas em ajudar a puxar o Brasil para fora do abismo da crise. Confirmado como responsável pela condução da política econômica pelos próximos quatro anos, o presidente pode agora bancar, frente a esses interlocutores internacionais, o cumprimento dos compromissos que serão acertados.

Internamente, essa negociação passa pelo encaminhamento do projeto de ajuste fiscal de emergência ao Congresso ainda este mês e por mais um apelo à união nacional. Nos planos do Planalto, essa agenda deve adiar a montagem do novo governo e deixar em segundo plano a nomeação do Ministério do segundo mandato.

É fortíssima hoje entre auxiliares de FH a corrente que defende a substituição dos atuais ministros somente em fevereiro, com a posse do novo Congresso. O raciocínio é de que o presidente não pode correr o risco de negociar ministérios e cargos ao mesmo tempo em que trata das reformas e do ajuste fiscal — que passaram a ser agora questão de sobrevivência. Nesse tipo de negociação, quando se agrada a um, deixa-se dez outros descontentes. Seria mexer em vespeiro.

Essa parte do plano, só falta combinar com os aliados. Pois agora a Babel de FH sai do comitê eleitoral e começa a fervilhar em outro endereço, a Praça dos Três Poderes. A partir de hoje, PMDB, PFL e PSDB só pensam naquilo — sua fatia de poder no novo governo.

Mais difícil, porém, é combinar com o adversário. O discurso da união nacional não pegou na campanha eleitoral.

A partir de hoje, porém, o apelo será retomado. Os governadores eleitos, inclusive de oposição, podem até responder favoravelmente. Afinal, vão precisar do Governo nos próximos quatro anos e não podem vir com negativas logo de saída. Ao que tudo indica, porém, nem a oposição congressional e nem os principais adversários de FH, Lula e Ciro Gomes, vão entrar na conversa do pacto.

Lula e seu PT saem da eleição direto para o divã, numa psicanálise que vai mexer com as estruturas do partido. Dela, deve emergir a nova face do PT. Mas se há uma coisa da qual o petista não se arrepende é ter batido na tecla da crise até o fim, ainda que ela tenha beneficiado eleitoralmente Fernando Henrique. Levou a economia ao horário eleitoral, falou de crise com muita gente que não sabia o que era isso e acha que a oposição no segundo mandato tucano tem que sair por aí.

Ciro Gomes acabou, no finalzinho, saindo-se melhor do que a encomenda com seus 11%. Sai da campanha credenciado a disputar com o PT a bandeira oposicionista e a aglutinar em torno do seu PPS uma parte das forças de centro-esquerda. Apesar das investidas tucanas que vai sofrer, sentar-se à mesa com FH no pós-eleição seria colocar esse projeto em risco.

Aumento de imposto, pacto, ajuste fiscal, FMI são peças de um mosaico que pode assumir vários formatos a partir de agora. O cenário que está na cabeça de Fernando Henrique e assessores é de um 1999 de arrocho, um 2000 de austeridade, mas um fim de mandato em que seria possível retomar a ênfase no resgate do social. Há, evidentemente, cenários mais sombrios — e desses nem é bom falar.

É cedo para saber o que FH vai fazer com a enorme demonstração de confiança que acaba de receber. A única certeza, comenta-se, é de que não se repete o pesadelo dos que foram dormir um dia e acordaram no outro com suas poupanças confiscadas. Nega-se também aumento de imposto. O resto, ninguém sabe.

O que está claro, na manhã seguinte à maior eleição já havida no país, é que o professor Fernando Henrique Cardoso entra num jogo de tudo ou nada. Tivesse ontem eleito um sucessor, estaria com a biografia lustrada e o lugar garantido na História como o presidente do Real que levou mais comida à mesa dos pobres. Agora, vai ter que esperar mais quatro anos para saber se tudo isso terá valido a pena.